

RESENHA

A presença ignorada de Deus The ignored presence of God La presencia ignorada de Dios

Ana Lúcia Ribeiro de Oliveira*
Gabriela Franco Almeida**

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. 11. ed. rev. São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2007.

Viktor Frankl publicou 32 livros e *A presença ignorada de Deus* é um de seus títulos mais marcantes. Foi publicado, originalmente, em 1948, depois de uma conferência que não arrebanhou muitos ouvintes e foi lançada em forma de livro. No prefácio à terceira edição alemã, Frankl diz que modificou algumas partes do livro e que, dentre todas as suas obras, *A presença ignorada de Deus* foi a mais revista e aperfeiçoada. Os capítulos 1 a 7 receberam algumas alterações que, segundo Frankl, foram insignificantes. Já os capítulos 8 a 11 receberam da série de publicações posteriores de Frankl material que funciona como suplemento para pontos temáticos essenciais do livro.

No prefácio o autor também conclui que ninguém que leve a sério a psicoterapia e que seja honesto pode se desviar do confronto com a teologia. E, na verdade, consideramos, como também sugere Frankl em sua obra, que o homem continua não podendo esquivar-se do confronto com a teologia e com o “teo”. Em 1988, na sétima edição, foi acrescentado um capítulo, o décimo segundo, intitulado “O ser humano em busca de um sentido último”

* Doutorado em Psicologia (Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2006). Professora adjunta 1 da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.

** Extensão universitária em “Um Convite à Análise Transacional” pela Universidade Federal de Uberlândia, Brasil (2011). Trabalha na Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.

que é a tradução de uma conferência na qual Viktor Frankl recebeu o prêmio Oskar Pfister, em 1985.

Em *A presença ignorada de Deus*, Frankl trata principalmente de um inconsciente que não é simplesmente instintivo, como considerava Freud, mas também um inconsciente espiritual. Para ele, o homem é bio-psico-espiritual. Frankl entende o homem como um ser tridimensional, sendo que a dimensão somática abrange os fenômenos corporais; a dimensão psicológica abrange os instintos, os condicionamentos e as cognições e a dimensão noética (do grego *nous*, significando espírito) abrange todas as qualidades que diferenciam o homem dos demais animais. Por isso, para ele, a dimensão noética é a genuinamente humana, pois nela estão os valores, a criatividade, a livre tomada de decisões e a consciência moral.

Para explicar a transcendência da consciência, Frankl parte do seguinte fato: toda liberdade tem um “de que” e um “para que”. A liberdade do ser humano é a liberdade “de” ser impulsionado (ser senhor dos instintos) “para” ser responsável e para ter consciência (sendo servo desta).

A consciência, para Frankl, deve ser algo mais do que o “eu”; deve ser algo superior. Ele entende a consciência como algo que transcende a condição humana e a considera porta-voz de algo distinto do próprio “eu”. Para explicar melhor a transcendência da consciência, Frankl utiliza-se do exemplo do umbigo. O umbigo, considerado por si mesmo, pareceria sem sentido, mas considerado a partir de uma pré-história, da história pré-natal, é um “resto” na pessoa que a transcende e a leva à sua procedência do organismo materno. Assim também é a transcendência da consciência: ela tem uma origem transcendente. Em síntese, só é possível entendermos o ser humano em sua condição de criatura.

E quanto ao indivíduo irreligioso? O ser humano irreligioso, segundo a teoria de Frankl, é aquele que ignora essa transcendência da consciência. Mas o homem irreligioso “tem” consciência, assim como responsabilidade; o que não faz é questionar de onde provém sua consciência. O ser humano irreligioso é, portanto, aquele que aceita sua consciência em sua dimensão psicológica, como pertencente a ele. Considera a consciência algo último, a última instância perante a qual tem de se sentir responsável. Frankl acrescenta que é de responsabilidade da pessoa religiosa saber respeitar a decisão do outro de não ir além, pois a decisão é uma liberdade desejada e criada por Deus. A liberdade divina é uma liberdade até para o não.

Para fundamentar sua posição, Frankl discute que o eu não poder derivar do id e, da mesma forma, o superego (encarado aqui como a consciência) não pode derivar do eu, pois assim como o id não pode reprimir-se a si próprio, o eu não pode responsabilizar-se perante ele próprio. “Por trás do superego

do ser humano não está o eu de um super-homem, mas atrás da consciência está o tu de Deus” (FRANKL, 2007, p. 55). Frankl, portanto, partiu da ideia de um Deus criador e que está em primeiro lugar.

Em diálogo e em concordância com a obra de Frankl, partindo também da realidade da clínica em Psicologia, queremos destacar que, no que toca ao atendimento psicológico, a dimensão espiritual do ser humano precisa ser considerada, pois, como já foi dito, as dimensões biológicas, sociais, psicológicas e espirituais interferem umas nas outras. É possível, com a ajuda de Frankl, aplicar a espiritualidade na clínica como uma resposta à necessidade de olhar para o homem de uma forma holística e de atender, de forma mais eficaz, sua demanda, pois é comum que a fé seja considerada sinal de imaturidade e que a Psicologia seja vista como inimiga e adversária da credulidade.

As ideias de Frankl vêm como uma resposta a mais de intervenção e, por isso, é tão importante para os que lidam com aconselhamento e com a Psicologia propriamente dita.

Tomando de empréstimo as ideias expostas na obra de Frankl, é possível concluir que a Psicologia atual precisa e tem o desafio de transbordar os limites da clínica convencional e se aproximar das pessoas de forma holística, isto é, considerando o ser humano como um todo e valorizando, por meio de uma postura fenomenológica, aquilo que Frankl chama de inconsciente espiritual.